



DIRECTOR  
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL  
**O SECULO**

DE SANTA  
RITA

## QUEM LÁ SE VIU... LÁ SE ACHOU

POR LAURA CHAVES

Logo pela manhãzinha,  
quando lhe abriram a porta  
da capoeira da vinha,  
foi para o campo a galinha,  
mais a pata Perna-Torta.

Encontraram no caminho  
a Dona Franga Pintada,  
do galinheiro vizinho,  
mais o Galo Assomadinho  
com a mulher e a ninhada.

E foram andando, andando,  
pica aqui, pica acolá,  
as frangas cacarejando,  
indo na frente do bando  
os pintos com seu papá.

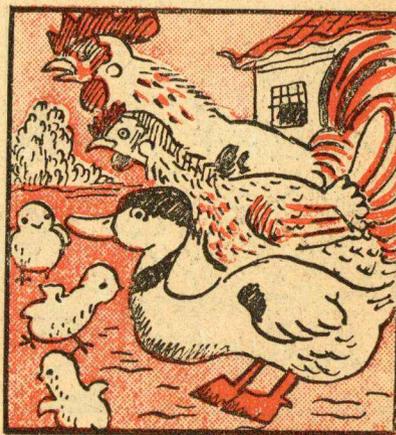
Nisto, uma sombra aparece  
a voar, a grande altura,  
Mas a pouco e pouco cresce...

E' um milhafre que desce  
e com êle a desventura!

Numa descida veloz  
sôbre os animais pairou,  
e — que crueldade atroz!  
no seu instinto feroz,  
um dos pintos agarrou.

Depois ergueu-se no ar  
levando o pobre pintinho  
que ia a piar, a piar,  
pelo paizinho a chamar,  
e voou direito ao ninho.

Isto tudo se passou  
num instante, num momento;  
nem um segundo durou  
e nem tempo lhes deixou  
de fazer um movimento.



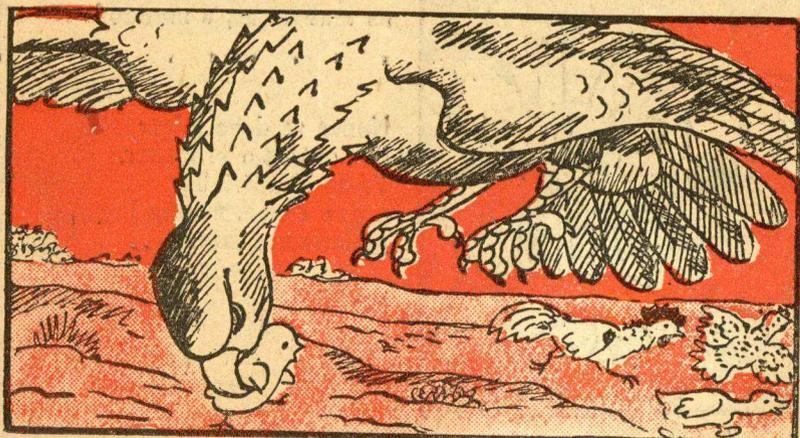
As galinhas, entretanto,  
coitadas, metiam dó,  
a cacarejar num pranto!  
O galo, mudo de espanto,  
nem soltou um có-cró-có.

Quando se espalhou a nova,  
o que disseram do galo!  
Ferravam-lhe cada sova,  
mesmo de caixão à cova.  
Era tudo a censurá-lo!

— «Um pai que não livra um filho,  
é de raça muito fraca!  
Não vale um bago de milho!  
ladrou o cão — que empecilho!  
O que êle merece é faca!»

— «Eu cá se lá me encontrasse,  
(exclamou um bacorinho)  
— mesmo que êle me matasse,  
faria com que largasse  
o pobre do pintainho!»

— «Ao tal milhafre cruel,  
afirmava o sapo, o Arrasas,  
— vendia-lhe cara a pele!  
para voar atrás dêle  
até me cresciam asas!»



# UM LINDO GESTO

POR MANUEL FERREIRA



**N**A escola primária, havia dois petizes pouco mais ou menos da mesma idade, Carlos e Augusto.

Eram ambos pobres. Augusto tinha pai e mãe mas Carlos era filho de uma pobre viúva que, para ganhar o seu sustento e o do filho, trabalhava, a dias, ou em serviços de costura.

Muito amigos, auxiliavam-se mutuamente. Carlos ia, muitas vezes, estudar para casa de Augusto, onde o pai dêste lhes explicava as lições. Sempre pontuais no cumprimento dos deveres, eram os melhores alunos da aula. Contudo, Augusto, por ser talvez mais inteligente, tinha notas mais altas do que o seu camarada.

Um dia, tendo apresentado um trabalho admiravelmente exposto, o professor, diante de todos os condiscipulos, chamou Augusto, traçou o seu elogio e apontou-o à classe como um exemplo a seguir, nomeando-o uma espécie de seu auxiliar.

Uma das suas funções era receber os cadernos dos exercícios dos alunos e entregá-los ao sr. professor.

Ora, uma vez, sucedeu que o Carlos não pôde entregar o caderno. Desculpou-se diante de Augusto e este prometeu-lhe nada dizer ao professor.

Porém, êste, ao pôr a respectiva nota nos exercícios, disse a Augusto :

— «Parece-me que falta um caderno...»

Augusto, envergonhado, pôs os olhos no chão e tartamudeou :

— «Não me lembro, sr. professor...»

O professor procurou e disse :

— «Falta o caderno do Carlos!»

E, dirigindo-se a êste, disse-lhe :

— «Vou aplicar-te uma nota má.

Hoje, era absolutamente necessário que todos trouxessem o exercício para a passagem do ano. Porque não o trouxeste? Por causa da brincadeira, não é verdade?»



Então, Augusto intercedeu :

— «Sr. professor : ao Carlos foi-lhe impossível trazer o caderno. Com a mãe muito mal, tem de dar as voltas precisas, fazer-lhe os caldos e dar-lhe os remédios a horas certas. De noite não dormiu. Veiu hoje à escola apenas para pedir ao sr. professor que o dispense. Agora, enquanto êle aqui está, a pobre mãe, sózinha, sente a falta de Carlos.»

O semblante do professor nublou-se de lágrimas. Chamou Carlos e, diante de todos, disse :

— «Manifestas os mais belos sentimentos para com tua mãe. Vai para junto dela, que eu farei com que nada lhe falte. És bom filho. E tu, Augusto, és bom camarada. Merecem, ambos, os elogios de todos.»

Os alunos estavam comovidos com aqueles exemplos de camaradagem e de amor filial.

A pobre mulher, com os auxílios prestados, restabeleceu-se. E, pela vida fora, agradeceu, sempre, a Deus o ter-lhe dado tão bom filho.



— «De que serve ao galo a crista ?  
(disse o pardal à narceja)

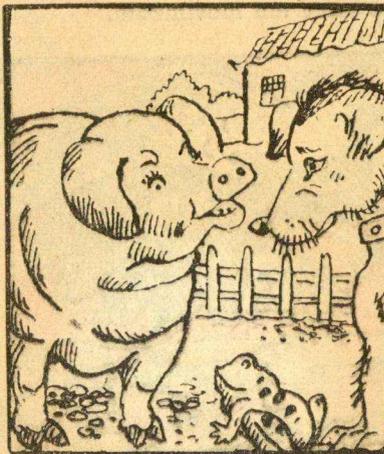
— êle é um exibicionista,  
só bom para fazer vista  
ao catavento da igreja.»

— «O galo foi criminoso  
(costava a rã à cegonha)

— êle, um bico tão vaidoso,  
dar mostra assim de medroso !  
E um covarde! um sem vergonha !»

E disse o galo a chorar :

— «Respeitem meu mal profundo  
Não se podia salvar.



Ai quem pudesse calar  
as tuas bocas, ó mundo !»

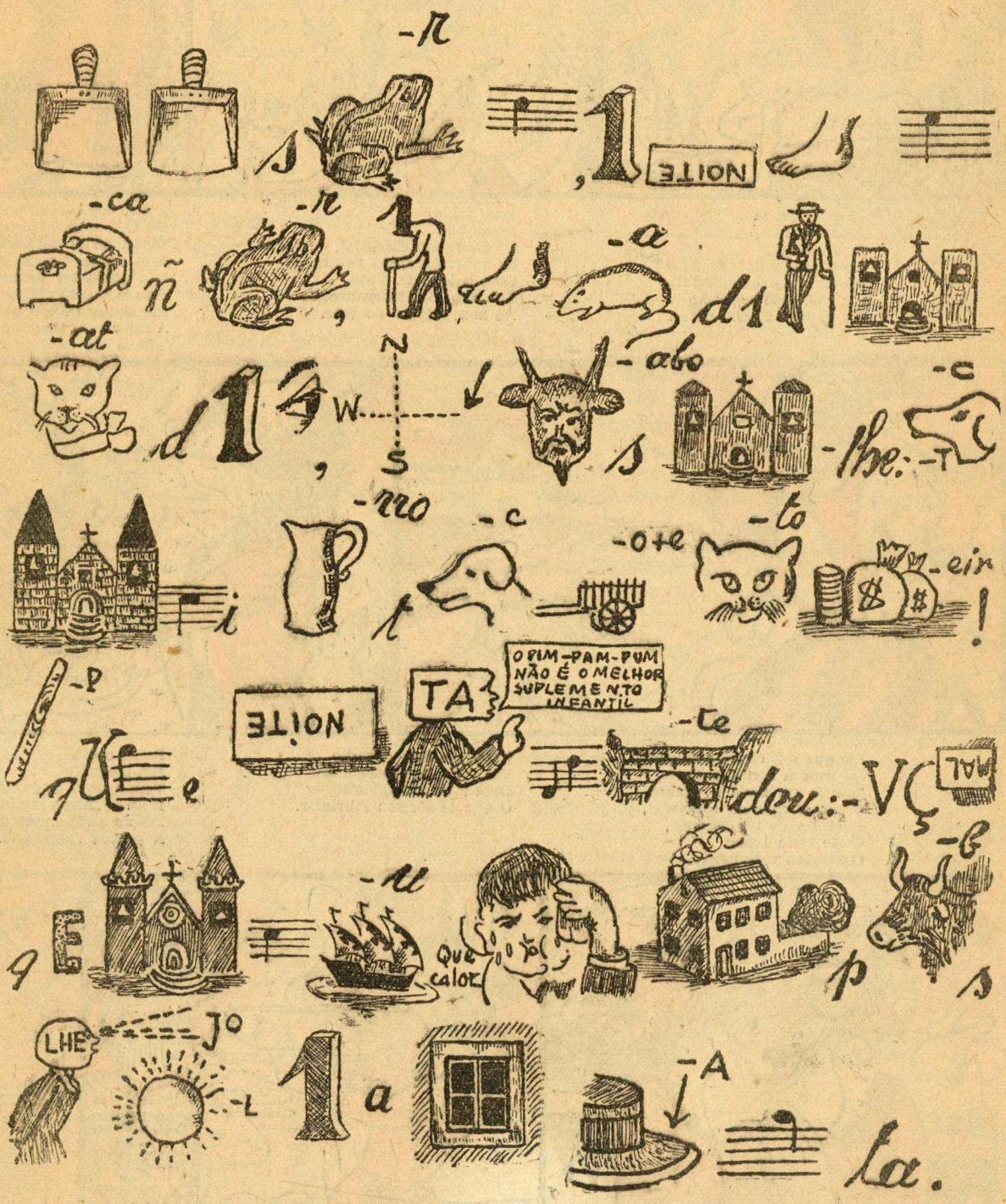
Nunca se deve julgar  
dos outros o proceder.  
Vá-se lá adivinhar  
o que é que, no seu lugar,  
poderíamos fazer ?...

F

I

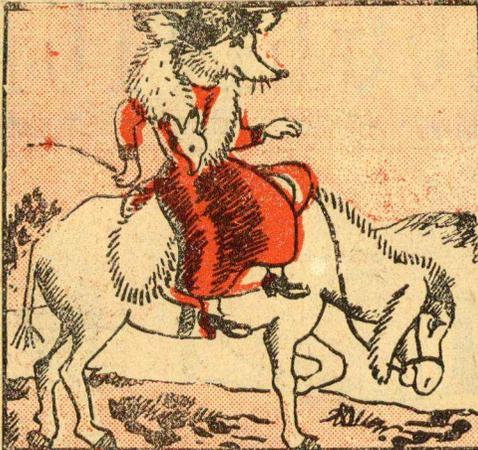
M

# ANEDOTA HIEROGLIFICA

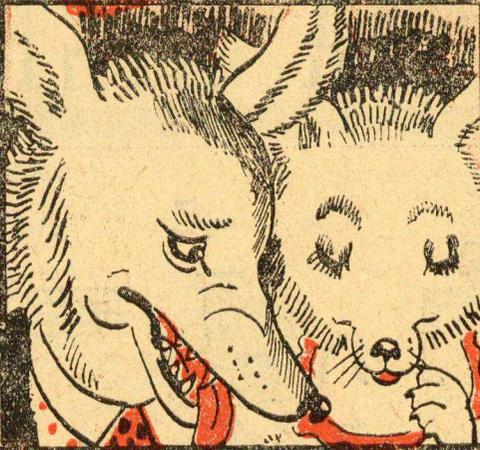


Manuel Ferreira

**A GULA CASTIGADA** Por FELIZ VENT



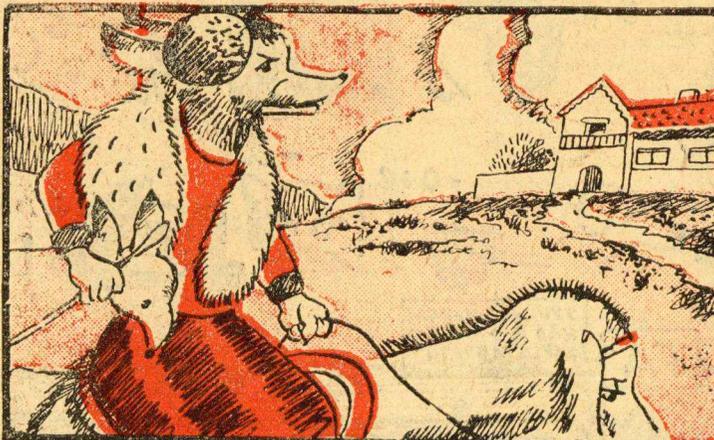
Tic, tic, tic, tac,  
Raposinha  
Formozinha,  
Formozinha de encantar,  
Em cima do seu burrinho  
Tic, tac, pelo caminho  
Vai depressa sem parar.



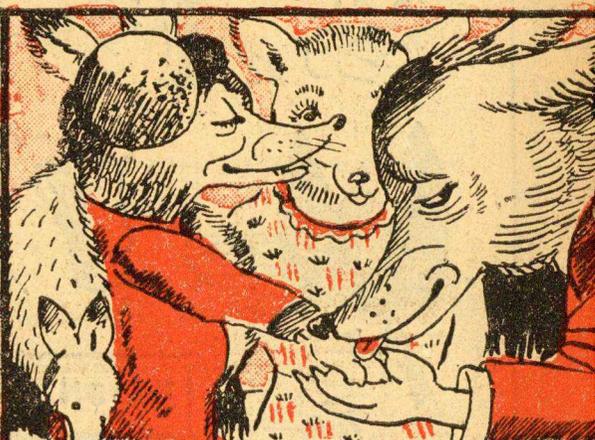
Pois havia,  
Nesse dia,  
O enlace matrimonial,  
Da sobrinha mais velhinha  
Com o lobo D. Totó,  
Que morava, há muito, só  
No seu palácio do vale.



E ela, por ser a madrinha  
De tão grande casamento,  
Tinha de ir bem depressinha  
Sem perder um só momento;  
Não podia ter demora  
Pois ia muito atrasada  
Por haver estado uma hora  
A falar com a senhora  
Esposa do Senhor Pato.

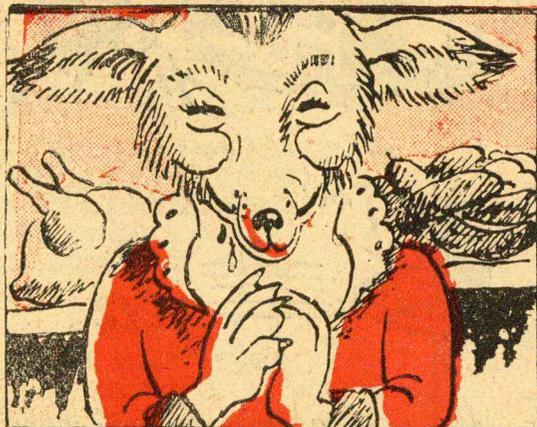


Eis que aos olhos azogados  
Dá raposa formozinha,  
Que ia na boda a pensar,  
Surge a casa da sobrinha,  
Cheinha de movimento,  
Onde teria lugar  
O faméso casamento.



Recebida com carinho  
Vai um pouco descansar  
Depois de cumprimentar  
O que ia ser seu sobrinho.

Passa o dia  
Em alegria,  
Vem a hora do jantar,  
E só de nisso pensar  
Põe-se a rir e a cantar  
A gulosa raposinha.



Tic, tic, tic, tac...  
Aos pulinhos,  
Aos saltinhos,  
Vai depressa para a mesa  
E põe-se logo a servir  
Do jantar com ligeireza.



Mas tanto, tanto comeu,  
Sem olhar à má acção  
Que estava assim praticando,  
Que apanhou indigestão  
A ponto de ir «espichando».

URA

# AVAREZA CASTIGADA

POR ANNIO MACHADO

**N**O castelo do Conde de Lis, realizava-se o casamento de sua filha única, a formosa Arminda com D. António Mondego, o mais garboso fidalgo daquelas redondezas.

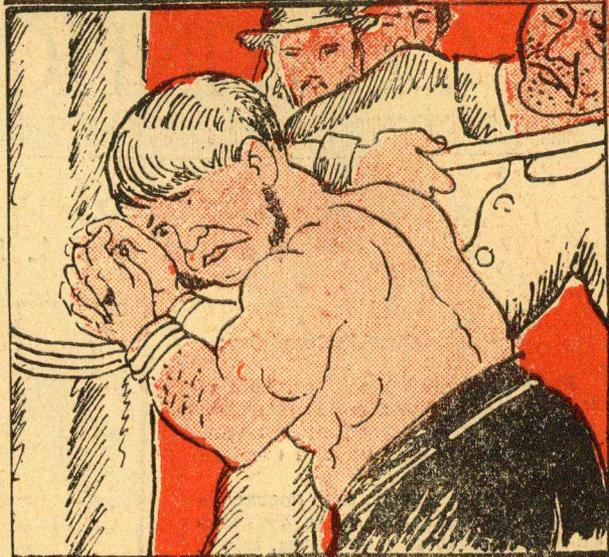
Preparava-se o jantar para o qual havia todas as qualidades de comida menos peixe, pois, como o mar estava muito alteroso, ninguém se atrevia a afrontá-lo.

Um pobre pescador, pai de muitos filhos, vendo-os cheios de fome, resolveu aventurar-se ao mar.

Tão feliz foi que pescou um enorme peixe e, imediatamente, correu ao castelo, a fim de o vender ao fidalgo.

A' entrada, deparou o porteiro que lhe perguntou onde ia.

— «Vou — (respondeu o pescador) — vender este peixe ao sr. D. António, para poder, com o



dinheiro que êle me der, matar a fome aos meus filhos.»

— «Então, vai mas pede-lhe muito, que o Sr. D. António não tem peixe para o jantar e dar-te-á tudo quanto lhe pedires. Como êle, certamente, te dará mais do que aquilo que o peixe vale, tens que me dar metade.»

O pescador acedeu.

Foi oferecer o peixe ao fidalgo, o qual, muito contente, lhe disse: — «Pede-me o que quizeres!»

— «Quero vinte pauladas!» — respondeu o pescador.

O fidalgo tentou dissuadi-lo dessa idea mas o pescador manteve-se inabalavel na sua resolução.

Em vista disto, um criado foi encarregado de lhe dar as pauladas.

Quando já lhe tinha dado dez, o pescador exclamou: — «Alto. Tenho um sócio!»

Então, o fidalgo ordenou que chamassem o sócio.

Ao ver quem era, mandou-lhe dar as outras dez pauladas e despediu-o em seguida.

O pescador ficou como porteiro no palácio e nunca mais passou privações.

Meus meninos eis a moralidade desta história: Nunca devemos querer o que é dos outros!



Dêsde esse dia a raposa,  
Depois de bem se curar,  
Prometeu de se emendar,  
Não mais fazer essa acção,  
Pois lhe ia custando a vida  
A tal grande indigestão.

Meninos, eis que vos digo,  
(E eu sou só um bom amigo,  
Que não vos quer melindrar:)  
Não seiais nunca glutões  
Nem façais destas acções,  
Pois ao culpado o castigo  
Não se faz nunca esperar.

# O CESTINHO da COSTURA

## SECÇÃO PARA MENINAS POR ABELHA MESTRA

Querida Joanhina:

Pediste-me mais lencinhos. Pois aí tens outros, diferentes dos primeiros já publicados, mas semelhantes na sua simplicidade bem ao alcance dos teus recursos de agulha!

Temos, no primeiro, uma engraçada florzinha, a realçar do *ájour*. Vais bordá-la em ponto de «pesponto», isto é, como se estivesses a fazer pesponto.

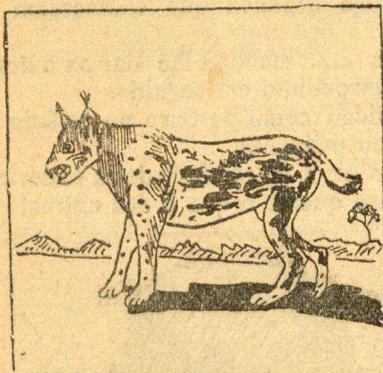
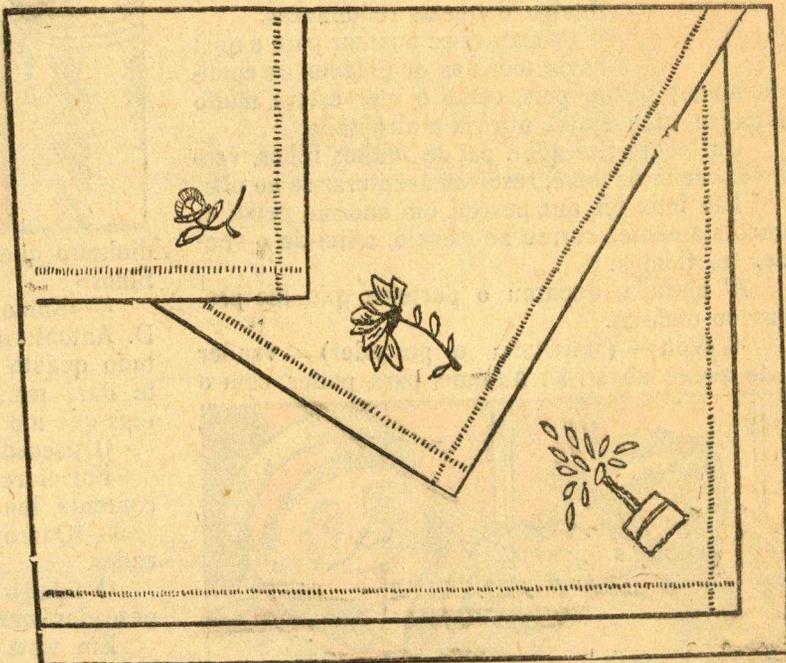
Empregas para a flôr, *filoselle* encarnada e, para o pé e folhas, a *filoselle* verde.

No segundo, vês um pequenino arbusto plantado num engraçado caixotinho. Este é bordado em amarelo e o arbusto verde.

Finalmente, no terceiro, encontras outra elegante florzinha. Esta, vais bordá-la com *filoselle* azul eléctrico, em ponto cadeia. O pé e folhas serão verdes.

Manda dizer à tua amiguinha, se ficaste satisfeita e recebe um grande abraço da

Abelha Mestra.



## CONCURSO DOS BICHOS

A-fim de abreviarmos a conclusão do nosso concurso, publicamos, hoje, maior número de gravuras, representativas de bichos que constituem uma das últimas fases da nossa colecção.



# CHARADAS HISTORIA MUDA

## CHARADAS COMBINADAS

- + ma — Aia + tiga — canção
- + ma — Copa + la — pecado mortal
- + ma — Copa + mo — caminho

Concelto pássaro Concelto : — mamífero

- + ma — Leito
- + tro — medida
- + to — jogo

Concelto : — quadrúpede

## CHARADAS EM FRASE

Esta *passagem teatral* ao pé daquele ribeiro é um belo *panorama* — 2-2.

Este *pássaro brasileiro* que vejo ali merece uma *habitação de ave* — 1-1.

Este *artigo* adoro no *Estio* — 1-2.

# ADIVINHAS

Qual a coisa de papel e que é de pano também, que é ave, que fala bem e que sobe num cordel!...

Qual a coisa, qual é ela, que há na Escola, é de madeira, dá bolos, sem ser doceira, não é barco mas tem vela?...

Qual a terra portuguesa, que anda sempre, sempre a fio... E que assim, com este frio, sabe... que é uma beleza?...



## Decifração da anedota hieroglífica inserta no número passado

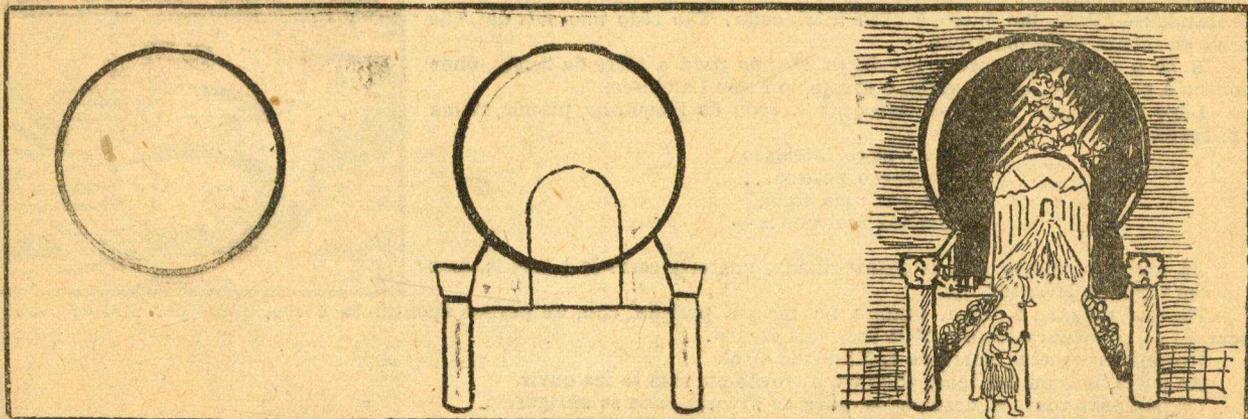
Um almocreve cuidava de moer à pancada um geríco que lhe havia caído com a carga. Em volta junta-se enorme povoléu.

- Seu desalmado! gritavam.
- Grande selvagem! clamava outro.
- O almocreve, então, descarapuça-se,

volta-se para o animal, e diz-lhe muito cortezmente :

— Queira desculpar, senhor jumento, nunca julguei que estivesse tão bem relacionado e tivesse tantos amigos nesta terra.

# L I Ç Ã O D E D E S E N H O



Como se desenha um pórtico árabe

# O Pisco Lambisco comeu um petisco

POR VIRGINIA LOPES DE MENDONÇA

O cimo duma árvore, o Cochicho, — passaro trocista, — piou para baixo :



— O' Pisco Lambisco,  
tu andas em cata,  
aqui pela mata,  
de grande petisco, —

Mas o Pisquinho, sempre saltitante e muito chibante, não respondeu àquele farçante.

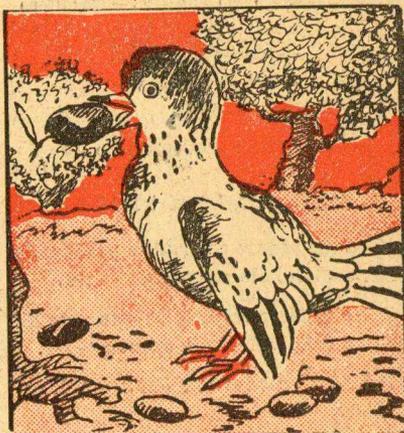
Bicada aqui, bicada ali, caminhava, aos pulinhos, aos saltinhos, sem dar parte da sua vida àquele intrometido.

Na verdade, estava procurando almôço que lhe apetecesse, farto já dos frutos do medronheiro, das bagas e sementes dos outros arbustos, das larvas do mosquedo e outras bicharias que antigamente o satisfiziam.

Resolveu, portanto, voar para longe.

Passou sobre a aldeia, pousando nos beirais dos telhados, onde as andorinhas lhe fizeram «ú-ú-ú!» com medo que ele lhes fôsse escangalhar os ninhos e, por fim, chegou à estrada, donde avistou um rengue de oliveiras muito juntinhas.

O Pisco, que não conhecia aquelas árvores cinzentas, nunca vistas na mata, vocu até lá.



Ao examiná-las, mais de perto, viu que estavam cheias dumas bolinhas verdes, muito durinhas.

Que petisco seria aquele?

Se conseguisse prová-lo!

Com certeza, nunca nenhum pisco na terra se tinha lambido com tal manjar!

Nessa ocasião, uma forte rajada de vento saadiu os ramos das oliveiras e várias azeitoninhas se espalharam pelo chão.

O Pisco saltou sobre uma delas,

A muito custo, a azeitona passou-lhe pela garganta. Com o esforço que fez quasi ficou sufocado, mas, por fim, lá conseguiu engulí-la.

Então, depois daquele feito extraordinário, o Pisco caiu por terra, de barriga para o ar, com as perninhas hirtas para o céu, a digerir aquela bola descomunal que lhe parecia um mundo.

Achou-se tão possante e orgulhoso que julgou poder com êsse outro mundo que via em cima de si e onde andava o sol a passear.

Mas, enquanto êle desafiava o céu que o cobria, a azeitona — que mal lhe cabia no papo — enchia-o dum grande mal estar.

Sentia dores e agonias.

A tudo se resignava, visto que tinha, dentro de si, o que nenhum pisco ainda tivera!

Passou uma andorinha rasteira e perguntou-lhe :

— «Que fazes aí, Pisquinho? Que posição tão exquísita arranjaste!»

— «Enguli o mundo, comadrinha!» — respondeu o orgulhoso, sem pestanejar.

E ela, a rir :

— «E onde o achaste, Pisquinho?»

— «No cimo dessa árvore que aí está. Nenhum pássaro, por certo, fez tal proeza!»

— «O teu mundo é uma azeitona!» — replicou a andorinha, já séria, acrescentando : — «Para um pisco é caso intrincado! Tão cedo não sais daí, que coisa de monta estás digerindo!»

E lá o deixou de costas em terra, voando para a torre da igreja, onde contou à passarada, que aí vivia, o arrojado do Pisco Lambisco.

Logo vieram, às revoadas, esvoaçar à roda do Pisquinho, piando, numa chilreada :

— «Ó pisco lambisco  
comeste o petisco...  
mas vês uma fona,  
com tal azeitona!» —

Já muito arreliado com a passarinhada, queria corre-la à bicada, mas em vão tentaria levantar vôo.

Parecia pregado à terra, sempre na mesma posição, com as pernas apontando o céu, que — por mal dos seus pecados, — se tornara escuro, cada vez mais escuro...

Nuvens carregadas, corriam, escondendo o sol.

Ao longe, faíscou um relâmpago e um trovão enorme se fez ouvir.

Os pássaros voaram, assustados, para as árvores onde se abrigaram.

Aflito, o Pisquinho bateu as asas, arripiado e trémulo.

Olhando o negrume do céu, que parecia ameaçar a terra com o fuzilar de grandes relâmpagos e o ribombar de medonhos trovões, piou alto : — Que grande azeitona não terás tu engulido, para te queixares dessa maneira !»

